



Superinteressante: O Uso Medicinal da Maconha¹

Valécio Bruno da Silva VIANA²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

A maconha pode ser usada em tratamentos patológicos? Algumas pesquisas apontam para isso, mas no Brasil, o tema ainda é tabu. Fazer com que ele se torne pauta de discussões é um trabalho difícil, atribuído aos meios de comunicação de massa, por meio de seu papel de divulgador da ciência, mas poucos veículos cedem espaço para polêmicas como essa. A Revista Superinteressante é uma delas. Neste trabalho, analisa-se o tratamento da informação científica pelos jornalistas em duas matérias de capa da publicação dedicadas aos estudos da maconha como medicamento, uma de 1995 e outra de 2002. Comprovou-se que, apesar de ser uma das principais publicações sobre ciência para o público leigo, a revista não está livre de erros como o uso do sensacionalismo e a falta de precisão das informações.

Palavras-chave

Jornalismo científico; Revista Superinteressante; maconha; medicina

Introdução

A ciência, vez por outra, gera polêmicas na mídia. Clonagem, transgênicos e células-tronco são alguns dos temas que mais dividiram a sociedade nos últimos anos. Os três assuntos conquistaram seu espaço nos veículos de comunicação de massa, seja com manifestações favoráveis ou contrárias à suas causas.

Independente de posicionamento ou da qualidade do material produzido, os jornais, revistas e programas de televisão e rádio brasileiros contribuíram e contribuem para que os assuntos cheguem ao conhecimento da sociedade e diminua sua indiferença a eles, tornando públicos experimentos e descobertas científicas. Dessa forma, temas polêmicos passam a ser discutidos com naturalidade, mesmo havendo opiniões extremamente divergentes sobre eles.

Infelizmente, alguns assuntos não conseguem ganhar espaço e viram tabus. É o caso do uso medicinal da maconha. Apesar de não ser tão recente (seus primeiros

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UERN, e-mail: valecio.viana@caixa.gov.br



estudos surgiram em meados dos anos 1960), quando aparece na mídia, o tema ainda atrai “olhares-tortos” da sociedade brasileira. Quem poderia reverter esse quadro e levar ao conhecimento popular as pesquisas e descobertas em torno do assunto? A resposta a esta questão não poderia ser outra senão o jornalismo.

Ao longo de seus 21 anos, a revista *Superinteressante*, da Editora Abril, publicou diversos textos sobre as pesquisas científicas da *Cannabis Sativa* (nome científico da erva). Neste trabalho, decidiu-se tomar como corpus duas matérias de capa publicadas, respectivamente, em 1995 e 2002, dessa revista que é uma das principais publicações de divulgação científica voltadas para o público leigo no país.

A escolha das duas matérias se deu ao fato de elas serem a primeira e a última publicações a respeito do tema que “ganharam” a capa dentro dos primeiros quinze anos da revista que, em sua primeira edição, se autodenomina, por meio de seu fundador, Vitor Civita, “acessível ao mais leigo dos leitores”.

O objetivo é analisar os dois textos de forma comparativa, avaliando a eficiência da divulgação científica feita pela revista nos dois momentos. Para a pesquisa, tomou-se embasamento teórico nas obras de estudiosos brasileiros do jornalismo, como José Marques de Melo e Felipe Pena e de pesquisadores da divulgação científica, também tupiniquins, Fabíola de Oliveira e Sérgio Villas Boas.

Discussões sobre um jornalismo científico ideal

Os teóricos do jornalismo costumam ser um tanto superficiais no tratamento do jornalismo científico. Os conceitos são apresentados praticamente da mesma forma por diferentes pesquisadores da área. Eles o colocam como a atividade responsável pela divulgação do conhecimento científico para a sociedade, a principal ferramenta de decodificação da produção das universidades e centros de pesquisa.

Pena (2005) a define como a forma mais eficaz de viabilizar essa popularização, não só porque facilita a difusão das informações entre a sociedade leiga, mas também porque funciona como ferramenta de educação para a ciência.

São características intrínsecas ao jornalismo científico a alfabetização científica, a transmissão de valores, o fortalecimento da cultura nacional, a educação objetiva, criativa e participativa. O jornalismo científico deve ser claro e eliminar a aridez do assunto que trata (PENA, 2005, p. 109).



Para Melo (2006), dizer simplesmente que esse é o tipo de jornalismo responsável pela divulgação dos fatos que envolvem a ciência significa submeter-se ao sistema capitalista sob o qual o jornalismo é praticado na contemporaneidade e a partir do qual reforça três premissas básicas: a) a sacralidade da ciência, contribuindo mais para a ratificação das estruturas de poder na ciência do que para distribuir o conhecimento; b) a autonomia da ciência, como se esta independesse da sociedade para existir e ser executada; e c) os preconceitos existentes no jornalismo científico, que divulga prioritariamente os fatos ligados às ciências básicas e aplicadas, deixando de lado as ciências humanas.

Por isso, a produção científica sobre o assunto constantemente apresenta a atividade como um tipo de jornalismo mal executado, sempre aquém do esperado e longe de um ideal. Vilas Boas (2005, p. 41) justifica esse pré-conceito dizendo que repórteres responsáveis pelo cumprimento das pautas científicas não costumam questionar as declarações vindas de fontes oficiais, relatórios científicos, entrevistas coletivas e revistas especializadas. Eles se contentam em escrever aquilo que lhes foi dito sem ao menos checar as informações junto a outros cientistas e autoridades dos assuntos tratados.

[...] nos moldes em que é feita, a cobertura da mídia sobre ciência costuma ser promocional e favorecer a indiferença. Torna-se um assunto para consumo e entretenimento nas noites de domingo em vez de tema importante da agenda econômica e social. (VILAS BOAS, 2005, p. 43)

Melo (2006) diz que o jornalismo científico transformou-se em instrumento de transferência tecnológica (porque divulga a produção científica dos países metropolitanos e reforça a dependência nacional) e de manutenção do poder (porque contribui para o reforço das hierarquias científicas ao destacar determinados cientistas e fazer estes ganharem posições na “tecnoburocracia” e, assim, atraírem as fontes de captação de recursos para suas próprias pesquisas).

Considerando esses problemas, o jornalismo científico só conseguirá desenvolver-se de forma idônea e correta se os profissionais da área se posicionarem como verdadeiros jornalistas e tratarem a ciência como um campo de trabalho que exige os mesmos cuidados dos demais. É preciso que os veículos se comprometam com o que Vilas Boas (2005, p. 25) considera o papel fundamental da mídia científica: “manter as



pessoas informadas sobre as novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas”.

O profissional do jornalismo científico não pode deixar de ter uma vocação científica, preocupação com a comprovação, independência de opinião, disposição para aceitar correções e honestidade. Soma-se a isso a capacidade para a pesquisa, o que inclui rejeição ao óbvio e ao superficial (PENA, 2005, p. 110)

Somente atentando a essas premissas, os jornalistas que escrevem ou pretendem escrever sobre ciência e tecnologia conseguirão realizar um trabalho realmente eficiente. É necessário, ainda, primordialmente, haver preocupação com a linguagem. É preciso escrever de maneira que a sociedade, geralmente leiga das questões científicas, as compreenda e se interesse por elas.

Uma excelente forma de se conseguir isso é tentar escrever de modo que as informações dadas possam ser entendidas como aplicáveis ao cotidiano da sociedade. “Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz” (OLIVEIRA, 2002, p. 44).

Essa preocupação se mostra necessária e urgente porque é o dinheiro público quem mais financia os projetos científicos no Brasil. Por isso, a sociedade não apenas quer, mas tem direito a uma prestação de contas dos valores investidos em pesquisas.

Melo (2006, p. 118) idealiza um jornalismo científico preocupado em cumprir seis deveres básicos: a) promover a educação científica da grande massa, não apenas da elite; b) divulgar a produção científica de forma que auxilie na solução de problemas da sociedade; c) usar linguagem clara, objetiva e de fácil compreensão pelo povo; d) despertar a busca pelo conhecimento permanente, sem limitar a divulgação a fatos isolados e seus personagens; e) conscientizar a população sobre a importância da participação nas decisões sobre distribuição de recursos estatais para fomento de pesquisas; e f) “realizar um trabalho de iniciação dos jovens ao mundo do conhecimento e de educação continuada dos adultos”.

É o jornalismo preocupado com essas questões que toma-se como modelo de divulgação científica neste trabalho. E foi atentando principalmente para essas premissas que foi realizada a análise das duas matérias da revista Superinteressante, que começa a ser apresentada na próxima seção.



1995: a maconha contra o câncer e a Aids

O texto “Quando a maconha cura”, da repórter Rosângela Petta, foi publicado na edição número 95 da revista, em agosto de 1995. O material trata sobre os estudos científicos em torno das propriedades medicinais da *Cannabis Sativa* e traça um histórico sobre as pesquisas feitas sobre o assunto, desde 1964, quando Raphael Mechoulam extraiu o delta-9-tetraidrocanabinol (ou THC) da planta e viabilizou o primeiro estudo sistemático de suas ações no corpo humano. Disposta em oito páginas, a matéria apresenta depoimentos de diversos cientistas sobre pesquisas da maconha.

A repórter inicia seu texto dando ênfase ao poder curativo da erva: “Está provado. Os efeitos medicinais da maconha beneficiam pacientes de câncer, Aids, glaucoma e esclerose múltipla. Mas os médicos do mundo inteiro se vêem num dilema crucial. Como receitar um remédio que é proibido?” (p. 55). Em seguida, ela apresenta um histórico das pesquisas científicas sobre a maconha, abusando da metalinguagem para explicar melhor os termos técnicos.

Sobre o câncer e a Aids, o texto é bastante direto, deixando claro que a maconha não cura as duas doenças, mas alivia o sofrimento dos portadores de ambas. A erva ameniza o desconforto pós-quimioterapia e recupera o apetite dos portadores do HIV. Neste aspecto, a repórter teve o cuidado de ser franca para evitar mal-entendidos. A informação está bem dita, sem margem para outras interpretações. Porém, não houve essa cautela quando da escolha do título da matéria. Ao contrário do que diz a chamada, nenhum parágrafo do texto menciona qualquer doença que possa ser curada com o uso da maconha.

Epstein (2006) nos afirma que a linguagem da imprensa tende ao sensacionalismo para persuadir o público. Em alguns casos, isso pode melhorar a identificação do leitor com o texto jornalístico, mas, em se tratando de jornalismo científico, a escolha de um título como esse pode ser perigosa, causando sérios transtornos no relacionamento do repórter e/ou do veículo com a comunidade científica e com os leitores.

Os cientistas podem interpretar, a partir do título, que suas declarações foram deturpadas e, conseqüentemente, se recusar a conceder novas entrevistas ao repórter ou mesmo ao veículo. E o leitor com o mínimo de capacidade crítica, após ler a matéria e perceber que foi “enganado” pode perder a confiança na revista.



Entretanto, o texto, de um modo geral, atende as expectativas do ideal proposto por Melo (2006) e citado na seção anterior deste trabalho. É um dos elementos que mais contribuem para isso é o infográfico das páginas 56 e 57, que relata os benefícios que o uso da maconha pode trazer para os pacientes de Aids, câncer, esclerose múltipla, glaucoma, asma e dores.

Outro infográfico, na página 59, que comenta os efeitos do uso da droga, também acrescenta pontos a matéria na busca pelo ideal, uma vez que apresenta o “lado ruim da história”.

A repórter também foi feliz ao publicar depoimentos cautelosos em relação ao uso medicinal da maconha, como o do professor Frussa Filho (“O que precisamos é avaliar se e quando vale a pena usá-la”) e do infectologista André Vilela Lomar, que, mesmo reconhecendo os efeitos positivos da droga, não a recomenda devido a seu caráter ilícito. Cedendo espaço a esse tipo de declaração, Rosângela Petta demonstra preocupação com a reflexão sobre o assunto, uma vez que evita apresentar apenas uma abordagem.

Entretanto, a matéria deixa de abordar um dos assuntos mais discutidos em torno da maconha: a dependência. Em três linhas superficiais de um infográfico, comenta-se que os dependentes físicos da droga, em abstinência, podem sofrer com irritação, insônia e perda do apetite, sem que a afirmação seja atribuída a algum cientista.

2002: *Cannabis* na balança

O outro texto selecionado para análise foi “A verdade sobre a maconha”, de Denis Russo Burgierman, publicado na edição número 179, de agosto de 2002. O foco da reportagem, desta vez, é a proibição da droga, distribuída em nove páginas. Porém, não chega a ser tão diferente do material anterior, pois o repórter se baseia em duas perguntas básicas para desenvolver o texto: maconha faz mal? e maconha faz bem?

Conseqüentemente, muito do que foi dito na matéria sete anos atrás está repetido no texto. Mas também há informações novas e mais bem explicadas. O repórter deixa claro que existem outros medicamentos que aliviam o sofrimento pós-quimioterapia e que “alguns pacientes não respondem a nenhum remédio legal e respondem maravilhosamente à maconha”. Além disso, o repórter inclui, no texto, o



exemplo de um paciente que se deu bem com a erva. Dessa forma, o texto se mostra mais rico e, portanto, detentor de mais credibilidade.

Sobre a Aids, o texto também é mais pontual. Logo no início da abordagem do assunto, o repórter solta: “Maconha dá fome. Qualquer um que fuma sabe disso” (p. 37). Após o comentário, ele enfatiza a eficiência da droga na recuperação do apetite dos pacientes, mas também já inclui a informação que pode servir como contestação a seu uso: a de que a ação da *cannabis* no sistema imunológico ainda é pouco compreendida e que, portanto, pode representar um perigo aos portadores do HIV.

E é nesse “gancho” que o repórter se prende ao falar sobre os efeitos da droga para os esclerosados. De acordo com o texto, não se sabe porque sua ação é tão eficiente, “mas especula-se que tenha a ver com seu pouco compreendido efeito no sistema imunológico”.

Na abordagem destas duas últimas doenças, o repórter não inclui declaração de nenhum cientista ou médico. Ele dá as informações como se fossem dele. Por um lado, a atitude pode ser condenável por comprometer a precisão das informações, e, por outro lado, pode ser justificável se for levada em consideração a credibilidade conquistada pela revista em seus quinze anos.

Aqui, prefere-se considerar que a identificação de uma pesquisa referente aos temas seria mais eficiente para o esclarecimento do assunto e legitimação das afirmações dadas, apesar de se compreender que a Superinteressante, por tratar-se de uma revista de ciência, tenha seu grau de confiabilidade.

Nos demais pontos abordados, quais sejam dor, glaucoma e ansiedade, também não são apresentados comentários de autoridades do assunto. Mas o repórter apresenta resultados de supostos trabalhos, porém sem identificar nenhum deles. “Há estudos promissores” e “Também há relatos de sucesso no tratamento” são as expressões utilizadas nestes casos.

Ao falar da dependência química na maconha, a reportagem comenta a pesquisa de dois psiquiatras brasileiros que concluíram que 68% dos dependentes de crack se livraram do vício trocando a droga pela maconha, que, depois, abandonaram espontaneamente. A informação é imprescindível para a matéria, mas também seria essencial aprofundar mais o assunto, além de abordar a dependência na maconha, como se dá, o que causa e como combater. Porque este é o papel verdadeiro do jornalismo científico: esclarecer.



Considerações finais

A análise dos dois textos permite a conclusão de que o jornalismo científico feito pela revista *Superinteressante* ainda não é o ideal – ou não era até 2002. Apesar de a publicação se configurar como um dos principais veículos de comunicação de massa sobre ciência e tecnologia no Brasil, e até conseguir, de certo modo, se encaixar no modelo idealizado por Melo (2006), ainda há deficiências em alguns pontos, em especial na linguagem e na precisão das informações.

Não se percebe muita diferença na forma de tratamento das informações pelos repórteres de uma matéria para outra. Ambas apresentam problemas diferentes. Enquanto a primeira apela para o sensacionalismo, a segunda não cita a fonte de alguns dados.

Lidar com ciência não é fácil. É necessário o máximo de cuidado para evitar deturpações e omissões que comprometam o entendimento correto dos assuntos tratados. Não se está querendo dizer que a *Superinteressante* realiza cobertura jornalística da ciência de forma irresponsável. Mas que pode ser melhorada caso se utilize do maior número de informações possíveis sobre os assuntos pautados. Afinal, os cidadãos que pagam impostos precisam e têm o direito de conhecer de forma clara o que se está produzindo em C&T que pode modificar seu cotidiano.

É importante ressaltar que esta pesquisa está apenas começando, que o aprofundamento das análises da cobertura jornalística sobre o uso medicinal da maconha pela *Superinteressante* pode gerar novas conclusões. Pretende-se, em outra oportunidade, aumentar o corpus da pesquisa e traçar uma linha de evolução dessa cobertura, desde a fundação da revista até os tempos atuais.

Referências bibliográficas

BURGIERMAN, Denis Russo. A verdade sobre a maconha. **Superinteressante**, São Paulo, ano 16, ed. 179, p. 32-40, ago. 2002.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CIVITA, Vitor. Carta ao leitor. **Superinteressante**, São Paulo, ano 1, ed. 1, p. 5, out. 1987.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação da Ciência. **São Paulo em Perspectiva**, v. 12, n. 4, p. 60-68, out/nov. 1998.



MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Comunicação).

PENA, Felipe (coord.). **Jornalismo**. Rio de Janeiro: Rio Sociedade Cultural, 2005. (Coleção 1000 perguntas).

PETTA, Rosângela. Quando a maconha cura. **Superinteressante**, São Paulo, ano 9, ed. 095, p. 54-61, ago. 1995.

VILAS BOAS, Sérgio (org.). **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.